

Humanização do jornalismo requer humanização do jornalista

Jorge Kanehide Ijuim¹
Lynara Ojeda Souza²

Resumo

Neste trabalho, de caráter ensaístico, abordamos a questão da criança e do adolescente em duas situações: as vítimas de ações policiais no Rio de Janeiro e as afetadas pela recente tragédia climática no Rio Grande do Sul. Preocupa-nos perceber por que a imprensa dedica atenção e tratamento distintos a essas duas circunstâncias, já que ambas envolvem a violação de direitos de uma população entendida — normativamente — como prioridade absoluta. Nossos estudos nos permitem inferir que seja por uma questão de consciência dos profissionais, que abarca aspectos técnicos, éticos, estéticos e epistemológicos. Esta consciência pode, ao humanizar o jornalista, humanizar o jornalismo.

Palavras-chave: Jornalismo. Humanização. Violação de direitos.

149

Humanizing journalism requires humanizing the journalist

Abstract

In this paper, we address the issue of children and adolescents in two distinct situations: as victims of police actions in Rio de Janeiro and as those affected by the recent climate tragedy in Rio Grande do Sul. We examine why the press gives different levels of attention and distinct treatments to these two circumstances, as both represent violations of the rights of a population normatively regarded as an absolute priority. Our studies suggest that this discrepancy stems from a question of conscience on the part of professionals, encompassing technical, ethical, aesthetic, and epistemological aspects. Such conscience, by humanizing the journalist, has the potential to humanize journalism.

Keywords: Journalism. Humanization. Violation of rights.

¹ Jornalista. Doutor em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da USP; pós-doutorado em Jornalismo pela Universidade de Coimbra. Professor aposentado/voluntário do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJor/UFSC). E-mail: ijuimjor@gmail.com.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: lynaraojeda@gmail.com.

Mais que as técnicas, a visão de mundo

Desde o final dos anos 1990, a pesquisadora Cremilda Medina (1999, 2003) assinala que, em sua rotina, o comunicador se depara com desafios, que se configuram em três dimensões: técnico, ético e estético. Em nossos esforços para interpretar esta argumentação, temos afirmado: pela dimensão técnica, há a busca do aperfeiçoamento das narrativas e os recursos tecnológicos como meios que podem levar à melhor apuração e precisão. Pelas técnicas, cada vez mais aprimoradas, o comunicador desenvolve sua capacidade de expressão e de compreensão dos fenômenos sociais complexos. No sentido ético — a âncora do fazer jornalístico — encontramos o campo que permite a elevação do nível de consciência e a ampliação da visão de mundo. Do ponto de vista estético, associado ao sensível, nos é exigida a sintonia e a cumplicidade às dores do Outro — a solidariedade.

Se as práticas profissionais vão além das técnicas, este desafio ético supõe compromissos — pessoais e com a sociedade. Os “Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo” elaborados pela Unesco na década de 1980 consideram que a informação é um bem social e não uma comodidade, o que significa que os jornalistas não estão isentos de responsabilidade. O documento, inclusive subscrito pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI, 2024), assinala que a responsabilidade social do jornalista requer que ele ou ela agirão debaixo de todas as circunstâncias em conformidade com uma consciência ética pessoal.

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007) explicita no Artigo 2º que o acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental e pressuposto do exercício do jornalismo. Este implica o compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão.

A questão da responsabilidade social parece ser algo consagrado no meio jornalístico. Essa celebração talvez advenha do papel histórico da imprensa de ser tribuna para debates e instrumento de movimentos decisivos que culminaram em conquistas expressivas para a sociedade. Ao alertar sobre a visão romântica que envolve este postulado, Fábio Henrique Pereira (2004) sublinha que:

O jornalista é, ao mesmo tempo, funcionário de uma empresa capitalista, responsável pela produção de uma mercadoria (a notícia) submetida às leis de mercado; e uma espécie de contra poder, cuja autoridade, delegada pela sociedade, lhe permite fiscalizar as instituições em nome do interesse público (Pereira, 2004).

O mesmo cuidado percebe-se em Cremilda Medina (1996) quando se refere ao trabalho de mediação social. Ao citar Nietzsche, a pesquisadora frisa que há uma rede complexa de forças que incide sobre o processo de produção de notícias, o que chamou de *feixe de forças*. O primeiro deles é caracterizado pelo jogo de pressão de grupos externos organizados — político, econômico, social, cultural — que tentam se impor à produção da informação. O segundo feixe traz à tona as forças culturais que correspondem às culturas — do lugar em que se produz o noticiário, e do local a que se refere esta produção jornalística. O terceiro refere-se ao próprio produtor da informação — chefe de reportagem, editor, repórter — que, a par do domínio técnico, está afeto às suas subjetividades. Ou seja, faz suas escolhas por métodos objetivos, mas também tem as opções individuais em suas decisões.

Ao concordar que a produção jornalística é atravessada por interesses, sejam políticos e econômicos, culturais e pelas subjetividades de seus profissionais, pode-se supor que o compromisso de responsabilidade social da imprensa — e de seus profissionais — depende do nível de consciência, da visão de mundo. Esta decorre de uma postura reflexiva contínua — ética — que orienta as ações dos indivíduos, seus propósitos e intenções.

Entendemos que Jornalismo e Direitos Humanos são indissociáveis e acreditamos na necessidade de reumanizar o Jornalismo. Interessa-nos neste trabalho, portanto, perscrutar como a imprensa aborda episódios que envolvem violações de direitos humanos. Para isso, traremos ao debate duas coberturas distintas: a) a violência policial, que tem levado crianças e adolescentes à morte em grandes centros urbanos; b) o atendimento de crianças e adolescentes durante a recente catástrofe climática no Rio Grande do Sul.

Para compreender o cenário

O relatório Cenário da Criança e do Adolescente 2023, da Fundação Abrinq, com base nos dados mais recentes do IBGE, mostra que, em 2022, estimava-se que o Brasil tinha 68,8 milhões de crianças e adolescentes entre zero e 19 anos. Nosso trabalho concentra o olhar nas crianças e adolescentes que vivem nas regiões Sudeste e Sul. Nesse sentido, a região Sudeste, sendo a mais populosa do país, concentra pouco menos de um em cada três (29,9%) crianças e adolescentes dessa faixa etária, sendo 26.142.367

peças de 0 a 19 anos. Já a região Sul abriga 9.337.455 crianças e adolescentes, número que representa 30,4% de sua população.

Observando as duas situações de violações de direitos humanos que pretendemos investigar, um levantamento — referente ao ano de 2023 — realizado pelo Instituto Fogo Cruzado (2024) apontou que a região metropolitana do Rio de Janeiro registrou ao menos 601 crianças e adolescentes baleados nos últimos sete anos. Desse total, 286 foram atingidos em ações policiais — o que representa 47,5%. O relatório mostra que 267 crianças e adolescentes foram mortos e 334 ficaram feridos no período analisado — entre 5 de julho de 2016 e 8 de julho de 2023.

Já a tragédia climática que ocorreu no Rio Grande do Sul em maio deste ano provocou o desabrigamento de pelo menos 10 mil crianças e adolescentes, segundo o Governo do Estado gaúcho. Mais de 60% dos desabrigados estão concentrados em três municípios: Canoas, Porto Alegre e São Leopoldo. O relatório *Crianças, adolescentes e mudanças climáticas no Brasil*, publicado em 2022 pelo Unicef, aponta que, por estarem em uma fase mais sensível de desenvolvimento, crianças e adolescentes são os que mais sofrem esses impactos. De acordo com o documento, as consequências de eventos climáticos extremos, como o do Rio Grande do Sul, são muito graves para as crianças, especialmente as pequenas, e incluem deslocamentos forçados, eventual separação dos pais, ausência de serviços de saúde, falta de água potável e alimentação, afastamento das aulas, exposição a possíveis abusos sexuais em abrigos, além de situações traumáticas que necessitam de acompanhamento psicológico.

Os dois cenários acima descritos nos revelam um descompasso entre o que a população infanto-juvenil tem enfrentado e o que orienta a legislação brasileira, como o artigo 3º do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Este preconiza que “a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral”, e o artigo 4º que complementa que a população infanto-juvenil tem prioridade absoluta na promoção e defesa dos direitos humanos (Brasil, 1990). Nesse sentido, identificamos que nos dois contextos investigados, o Estado, a família e a sociedade não têm conseguido proteger crianças e adolescentes de situações de extrema vulnerabilidade e violência.

Da consciência ingênua à consciência crítica

Diante deste quadro, justifica-se questionar o que pode levar editores e repórteres a realizar coberturas, abordagens, tratamentos tão distintos nessas duas situações aqui expostas. Ambas envolvem violência e violações de direitos de crianças e adolescentes. Nossos estudos nos levam a acreditar que seja por uma questão de consciência, que envolve aspectos — que chamaremos de *nós* — técnicos, éticos, estéticos e epistemológicos.

Em sua *Analítica da colonialidade*, Nelson Maldonado-Torres argumenta que a modernidade operou uma revolução nos sentidos ontológico (poder), ético (ser) e epistemológico (saber) (Maldonado-Torres, 2018). Como destaca Cremilda Medina, os modelos jornalísticos foram modelados pelo pensamento moderno (Medina, 2008) e suas práticas permanecem e, em geral, prevalecem na imprensa *mainstream*. As heranças positivistas que incluem objetividade, neutralidade e imparcialidade constituem o primeiro nó, o da técnica, que tem merecido várias formas de relativização.

No aspecto estético, o segundo nó, entendemos que a colonialidade moderna induziu a primazia do real, exato e absoluto, em outros termos, o objetivo e, por consequência, o desprezo ao subjetivo, às subjetividades. No senso comum das salas de redação, o objetivo e o subjetivo são antônimos e antagônicos, o que não é necessariamente verdadeiro. Por uma perspectiva sócio-histórica, entendemos a subjetividade como uma propriedade do sujeito ativo, um fator que torna o sujeito único, singular (Leontiev, 1983). Assim, cada jornalista dispõe da sua subjetividade, como cada personagem, entrevistado, qualquer grupo social envolvido em sua reportagem carrega suas subjetividades. O jornalista, em sua rotina, deverá contar com a objetividade para a melhor apuração possível — como método —, e com a sua subjetividade para compreender e respeitar a subjetividade do Outro, num jogo de intersubjetividades.

Esta rotina requer do profissional muito de sua capacidade para construir um movimento empático de narrar os dramas humanos. Djamila Ribeiro (2019) defende que a empatia é uma construção intelectual, é preciso conhecer a realidade e tudo que a envolve, buscando livrar-se de juízos de valor, até então, engendrados sem o contato com a realidade dos fenômenos. Por essa contribuição, inferimos que um dos motivos de uma cobertura ter mais visibilidade que a outra se dá pelo distanciamento e desconhecimento do que acontece nesses territórios onde se dão os conflitos policiais.

O terceiro *nó* diz respeito ao sentido ontológico (poder), também destacado por Anibal Quijano. Para o pensador peruano, o encontro do europeu com os americanos configurou o capitalismo colonial/moderno como um novo padrão de poder que é a classificação social da população de acordo com a ideia de raça (Quijano, 2005, n.p.). Por uma perspectiva interseccional, podemos perceber que a imprensa utiliza tratamentos distintos ao abordar o diferente — raça, sexo, classe socioeconômica, regionalidades, nível de escolaridade, entre outros fatores.

O quarto *nó* abrange uma conjugação dos aspectos ético e epistemológico e conforma a nossa proposta alternativa aos dilemas aqui relatados. Se a notícia, como unidade básica de informação, é uma maneira específica do jornalismo para produzir fatos, Adelmo Genro Filho entende que os fatos não existem previamente como tais. Para o autor, “existe um fluxo objetivo na realidade, de onde os fatos são recortados e construídos obedecendo a determinações ao mesmo tempo objetivas e subjetivas” (Genro Filho, 2012, p. 194). Robert Park entende a informação jornalística como uma forma de conhecimento. Não um conhecimento que alcançou algum grau de precisão e exatidão (*knowledge about*), e também não está interessada no passado ou no futuro, mas configura-se como um “conhecimento do presente” (Park, 2008). Genro Filho, ao sentir a insuficiência desta noção, acrescentou que a notícia, a matéria-prima do Jornalismo, é uma forma social de conhecimento cristalizada no singular (Genro Filho, 2012).

Sobre conhecimento, Liriam Sponholz (2009) apresenta ideias relevantes. Por seu olhar, há um processamento, uma estruturação e posteriormente uma comparação com o que já se conhece. O processo de conhecimento envolve *seletividade*, *perspectividade* e *construtividade*. A *seletividade* se refere à capacidade de escolher uma parte da grande quantidade de estímulos oferecidos pelo mundo exterior; o sujeito conhecedor busca algo por interesse, o que supõe que a subjetividade é necessária para a objetividade. A *perspectividade* se relaciona à limitação da percepção a um determinado ponto de partida local e temporal, como também a interesses e ideologias. A *construtividade* diz respeito à representação da realidade observada em símbolos, ou seja, constrói-se uma nova realidade. Por fim, conhecer resulta da comparação da nova vivência com aquilo que já se conhece, são interpretados com os modelos disponíveis no pré-conhecimento, a exemplo dos estereótipos. Como sublinha Sponholz (2009, p. 84), “como não se pode acolher todas as informações enviadas pelo mundo exterior, escolhe-se alguns aspectos através de um modelo que lhes confere sentido, as torna interessantes e úteis”. Ao que complementa que

“[...] podem corresponder a regras de moral e bom costume ou a visões de mundo político-ideológicas” (Sponholz, 2009, p. 94).

Se é assim, o profissional de jornalismo depara-se cotidianamente com a realidade para a produção de fatos e, em última análise, produzir conhecimento. Para realizar seu trabalho, precisa observar, indagar, questionar, confrontar, recorrer a sua visão de mundo (ética) para conhecer (epistemologia) e, dessa forma, se expressar por meio de notícias e reportagens — *seletividade, perspectiva e construtividade*. Nota-se, portanto, mais que o exercício de técnicas, a já referida conjugação dos aspectos ético e epistemológico.

Duas tragédias e a cobertura jornalística

Para verificar como a imprensa brasileira aborda as situações em que crianças e adolescentes são impactadas por viverem em situação de vulnerabilidade, como nos dois contextos mencionados neste trabalho, selecionamos matérias jornalísticas publicadas no portal de notícias G1³ logo após os acontecimentos trágicos, ou seja, mortes de crianças e adolescentes causadas durante operações policiais em regiões metropolitanas do Rio de Janeiro ao longo do ano de 2023, bem como as notícias publicadas no mês de maio de 2024 (período mais crítico do desastre climático) referentes aos impactos das enchentes que aconteceram no Rio Grande do Sul. Para tanto, utilizamos a ferramenta de busca do Portal aplicando as palavras-chave: *crianças, adolescentes, bala perdida, ação policial, tiro, enchente, desastre climático, RJ, RS*. Essa sondagem nos oferece pistas para pensarmos como jornalistas têm mobilizado a temática, bem como traçarmos um paralelo sobre os dois tipos de cobertura. Isso não implica criar hierarquias sobre qual tragédia ou violência merece mais atenção, mas nos auxilia a refletir sobre qual delas ganha mais visibilidade e atenção da imprensa.

Para nossas reflexões, recorreremos às técnicas da Análise de Conteúdo, uma vez que esse método é adequado para “descrever e classificar produtos [...] para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias” (Herscovitz, 2010, p. 123).

³ A escolha se justifica por ser o portal noticioso que registrou maior número de visitas nos últimos meses, de acordo com a ferramenta de análise de sites Similarweb. Somente em maio de 2024, o G1 registrou 250,6 milhões de visitas, ficando muito à frente do segundo colocado, o portal Terra, com 135,5 milhões de visitas no mesmo período. Disponível em: <https://www.similarweb.com/pt/website/g1.globo.com/#overview>. Acesso em: 26 jun. 2024.

Nesse sentido, identificamos que ao longo do mês de maio de 2024 foram publicadas 22 matérias (entre notícias e reportagens) dando destaque ao impacto da tragédia climática nas vidas das crianças gaúchas. No que se refere à letalidade das operações policiais no Rio de Janeiro para crianças e adolescentes, foram baleadas 25 crianças na região e 10 delas morreram no ano de 2023, de acordo com dados divulgados em janeiro de 2024 pelo Instituto Fogo Cruzado. Encontramos apenas 14 matérias (entre notícias e reportagens, conforme o Quadro 1) sobre a temática, sendo cinco delas sobre o mesmo caso: uma menina de três anos que não resistiu depois de ser baleada por um agente da Polícia Rodoviária Federal. A diferença quantitativa já nos permite observar que uma das tragédias ganha mais a atenção de jornalistas e, neste trabalho, interessa-nos compreender como se dá tal processo.

Quadro 1: Matérias publicadas no Portal G1 sobre crianças atingidas em operações policiais no Rio de Janeiro em 2023

Data	Título	Link
02/01	Corpo de menino morto por bala perdida na virada do ano em Mesquita é enterrado	https://acesse.one/c5GLn
11/01	Fogo Cruzado: em 6 anos, mil pessoas foram atingidas por balas perdidas, 229 morreram; 'Infelizmente está longe de acabar', diz mãe de Ágatha Félix	https://11nk.de/v/PMCcm
26/01	Menina morta em São João de Meriti é o sexto caso de menor atingido por bala perdida em um ano no RJ	https://acesse.one/gOBPN
07/02	ONG Rio da Paz instala placas em memória de crianças mortas no RJ em 2023	https://11nk.de/v/1qf7d
10/03	Criança é baleada na Ladeira dos Tabajaras, na Zona Sul do Rio: 'Ela não entendeu nada, só chorou enquanto o sangue jorrava', diz pai	https://11nk.de/v/XcvFU
12/04	Grande Rio tem 11 crianças baleadas em menos de quatro meses; número já é maior que todo o ano de 2022	https://acesse.one/62VLc
12/07	Criança é baleada e morre durante operação da PM em Maricá, no RJ	https://acesse.one/UUdFS
22/08	Grande Rio contabiliza 24 menores mortos por arma de fogo em 2023, segundo Fogo Cruzado	https://acesse.one/EPPFI
08/09	Carro que levava menina de 3 anos baleada durante abordagem da PRF era roubado; policiais são afastados	https://acesse.one/6LvnZ
08/09	'Não é um método aceito pela PRF', diz diretor sobre disparo que atingiu menina de 3 anos no Rio	https://11nk.de/v/Uz6Q1
13/09	Menina de 3 anos baleada durante abordagem da PRF apresenta piora	https://11nk.de/v/4VQru
16/09	Menina baleada por agente da PRF morre após 9 dias internada	https://acesse.one/Bsjzx
16/09	'Foi a criança mais forte do mundo', diz prima de menina baleada por agente da PRF; familiares e autoridades lamentam morte	https://11nk.de/v/nlbgc
29/09	Veja quem são as crianças mortas pela violência no RJ e citadas em carta de Caetano Veloso ao Papa Francisco	https://11nk.de/v/pUhj0

Fonte: Dados da pesquisa, com base nas publicações do G1, 2024.

Identificamos, já na primeira matéria publicada, algumas coberturas mais episódicas dos casos em que crianças e adolescentes são atingidas por disparos de armas de fogo, como é possível observar nas linhas 1, 5 e 7 do quadro 1. O conteúdo das notícias parte da versão oficial dada pelo Estado do Rio de Janeiro e está centrado apenas na descrição de como as crianças foram baleadas, tensionando superficialmente, por meio de uma ou duas falas de familiares das vítimas, a versão oficial dada pela equipe de investigação acerca do andamento dos casos.

Seis matérias publicadas no período investigado (linhas 2, 3, 4, 6, 8 e 14) contextualizam os casos que envolvem crianças e adolescentes a partir de dados oficiais e pesquisas sobre pessoas atingidas em operações policiais. São esses textos que nos dão um pouco de dimensão da tragédia que acontece em territórios periféricos do Rio de Janeiro, como exemplo a notícia “Fogo Cruzado: em seis anos, mil pessoas foram atingidas por balas perdidas, 229 morreram; ‘Infelizmente está longe de acabar’, diz mãe de Ágatha Félix”, que faz uma abordagem ampla dos números que o Instituto Fogo Cruzado divulgou indicando as pessoas que foram atingidas em operações policiais nos últimos anos, destacando o número de mortes. Embora a matéria não tenha nenhum enfoque em crianças — apresentando somente um parágrafo com os dados referentes às vítimas menores de 18 anos — das quatro imagens que acompanham o conteúdo jornalístico, três são de crianças que foram atingidas durante tais operações policiais.

157



Figura 1: Linha 2 do quadro 1

Fonte: G1, 2024 (capturas de tela feitas pelos autores)

A matéria que fecha o mês de janeiro noticia a morte de uma menina de dez anos, mas nesse texto existe uma contextualização que explica que tal episódio não ser um caso isolado, como observado no título: “Menina morta em São João de Meriti é o sexto caso de menor atingido por bala perdida em um ano no RJ” (Portal G1, 2024, grifo adicionado).

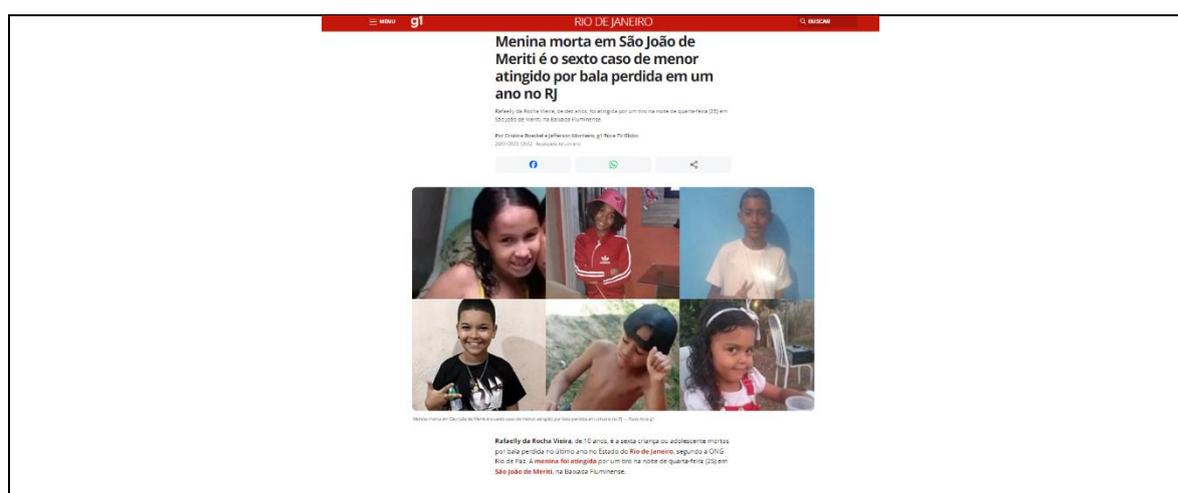


Figura 1: Linha 3 do quadro 1

Fonte: G1, 2024 (capturas de tela feitas pelos autores)

“Grande Rio tem 11 crianças baleadas em menos de quatro meses; número já é maior que todo o ano de 2022” é o título da matéria publicada no mês de abril no G1. O texto traz outros casos de mortes de crianças durante operações policiais e balas perdidas, apresentando como fonte o Instituto Fogo Cruzado que indica a necessidade de complexificar tais casos e entendê-los como um problema de segurança pública, “É urgente rever a política de Segurança Pública do Rio de Janeiro”, diz o Instituto Fogo Cruzado” (Portal G1, 2024). Em agosto, a reportagem “Grande Rio contabiliza 24 menores de idade mortos por arma de fogo em 2023, segundo Fogo Cruzado” traz dados parciais sobre crianças e adolescentes mortas no primeiro semestre.

RIO DE JANEIRO
Entre 1 de janeiro e 22 de agosto de 2023, a Região Metropolitana do Rio de Janeiro contabilizou, pelo menos, 24 crianças e adolescentes mortos por arri de fogo , segundo o Instituto Fogo Cruzado.
Crianças (até 12 anos) baleadas:
<ul style="list-style-type: none">• 16 baleadas;• 7 mortos e 9 feridas;• 4 atingidas em ações e operações policiais (2 mortas)• 12 vítimas de bala perdida (6 mortas).
Adolescentes (entre 12 e 17 anos) baleados:
<ul style="list-style-type: none">• 35 baleados• 17 mortos e 18 feridos• 13 feridos em ações e operações policiais (5 mortas)• 13 vítimas de balas perdidas (4 mortos e 9 feridos)

Figura 3: Linha 8 do quadro 1

Fonte: G1, 2024 (capturas de tela feitas pelos autores)

A matéria tem como gancho a morte de Brayan dos Santos, 16 anos, que foi atingido quando voltava da escola, em São Gonçalo, além de destacar que o Instituto Fogo Cruzado contabilizou 274 crianças e adolescentes mortas nos últimos sete anos. A reportagem apresenta muitos familiares como fontes, o que humaniza a vítima e dá pistas que nos auxiliam a ter um pouco de contato com a dimensão da dor das famílias que perderam suas crianças e adolescentes, como no trecho: “A madrinha de Rafaelly fez um desabafo, ao vivo, no Bom Dia Rio. ‘Temos que parar de normalizar crianças morrendo no nosso estado’, disse Elza Alaíde Menezes” (Portal G1, 2024).

O mês de setembro é marcado com a história de Heloísa dos Santos Silva, 3 anos, que foi baleada dentro de um carro na Baixada Fluminense. Ao todo, foram produzidas e publicadas exclusivamente pelo Portal G1 cinco matérias sobre o caso, além de outras publicações de conteúdos produzidos por outros jornais do grupo Globo, como Bom dia RJ. O desdobramento da cobertura do caso acompanhou o tempo que a criança ficou internada em estado grave. A morte ocorreu nove dias após a menina ser atingida e todas as notícias publicadas retomaram o contexto em que a criança foi baleada, o estado de saúde da criança e a versão dada pela Polícia Rodoviária Federal.

Pelos dados aqui apresentados, podemos observar nessa cobertura a predominância de uma abordagem factual, como se cada episódio não tivesse conexão

com um fenômeno muito maior — a violência, a desigualdade socioeconômica, raça, cor. Do ponto de vista técnico, o material responde às perguntas básicas consagradas — quem? Onde? Como? Muito menos os porquês, o que mostra o privilégio às consequências e o descompromisso com as possíveis causas (primeiro e segundo *nó*). As fontes ouvidas, em sua maioria, são as oficiais, com vozes de vítimas ou familiares apenas em tom burocrático (terceiro *nó*). A *seletividade* e a *perspectividade* (desafio ético — visão de mundo) das equipes de reportagem denotam limitações “do que conhecer” (quarto e quinto *nós*), levando a uma *construtividade* restrita a um simples “conhecimento do presente” — pouco crítico, nada emancipador.

Em seguida, podemos visualizar o contexto da cobertura sobre a recente tragédia climática no Rio Grande do Sul.

Quadro 2: Matérias publicadas no Portal G1 sobre crianças atingidas por enchente no Rio Grande do Sul em 2024

Data	Título	Link
01/05	Quase 4,5 mil pessoas tiveram que sair de casa por causa das enchentes no Rio Grande do Sul	https://acesse.one/jz5fT
02/05	FAB resgata criança de dois anos no Rio Grande do Sul	https://11nk.de/v/vvjJs
04/05	Bebê é resgatado de helicóptero por telhado de casa durante enchente em Bom Retiro do Sul	https://acesse.one/aimXW
08/05	'Coloquei ela na mochila', diz pai que salvou filha de 8 dias das enchentes no RS	https://acesse.one/misfd
08/05	Voluntários, resgatados e abrigados relatam o drama dos temporais no RS	https://acesse.one/Prv4b
08/05	Enchentes no RS: FAB transfere bebê de 3 meses em estado grave para hospital a mais de 500 km da região alagada	https://11nk.de/v/wOo9J
09/05	As crianças na catástrofe do Rio Grande do Sul	https://11nk.de/v/QykGd
09/05	Tragédia no Rio Grande do Sul: como crianças chegam, são recebidas e cuidadas em abrigos durante enchentes	https://11nk.de/v/J57oo
09/05	Livro auxilia crianças a lidarem com a tragédia no Rio Grande do Sul	https://11nk.de/v/6V8RM
10/05	Enchente no RS: Mulher entra em trabalho de parto em abrigo e dá à luz menino	https://11nk.de/v/6iW0D
10/05	Governo do RS reforça segurança nos abrigos; 11 pessoas foram presas	https://acesse.one/AZuID
11/05	'Eu rezo todos os dias', 'tudo vai passar': crianças de todo o país enviam cartas com mensagens de carinho para vítimas de tragédia no RS	https://acesse.one/hPFp8
11/05	Crianças de SC colocam cartinhas dentro de doações para vítimas das chuvas no RS: 'Você não está sozinho'	https://acesse.one/WJ3EH
15/05	Com bebê de 3 dias, família do RS viaja com desconhecido e é acolhida na casa dele em SC após enchentes	https://11nk.de/v/HMC0f

15/05	Mais uma vez, na lama: escolas em Muçum (RS), destruídas por chuvas em 2023, haviam sido reabertas pouco antes da nova inundação	https://l1nk.de/v/6Ouvv
15/05	Enchente histórica no RS e as consequências da tragédia na vida das pessoas	https://acesse.one/PyAl3
18/05	Famílias de crianças atípicas são acolhidas em casa de irmãs franciscanas durante cheias em Porto Alegre	https://acesse.one/NOWW5
18/05	Avião decola de MS com 3 mil medicamentos para auxiliar crianças vítimas das enchentes no RS	https://acesse.one/Lbg6U
18/05	Menino de 5 anos participa de ação em escola, doa brinquedos e 'escreve' cartinha para crianças do RS: 'Que Deus proteja todos vocês'	https://l1nk.de/v/V6BwQ
21/05	Alunos de colégio do interior de SP enviam cartas de apoio às crianças vítimas das enchentes no RS: 'Um pouquinho de esperança'	https://acesse.one/Aadb4
22/05	Campanha em Jundiá arrecada brinquedos para crianças vítimas das enchentes no RS; saiba como contribuir	https://acesse.one/lx2ec
22/05	Com lápis de cor, papel e solidariedade, alunos do interior de SP escrevem cartas para crianças do RS: 'Nos importamos com eles'	https://acesse.one/HI9rh

Fonte: Dados da pesquisa, com base nas publicações do G1, 2024.

A primeira matéria, publicada no dia 1º de maio, destaca em seu título impacto na população gaúcha como um todo: “Quase 4,5 mil pessoas tiveram que sair de casa por causa das enchentes no Rio Grande do Sul”. No entanto, ao lermos o conteúdo é possível identificar uma abordagem que busca ressaltar o quanto famílias com crianças sofreram naqueles primeiros dias de fortes chuvas. Isso é possível observar no trecho: “É quase impossível deslocar a família inteira ao mesmo tempo. O pai leva nas mãos o gatinho da família. ‘É o filho das crianças’, diz o pai’. ‘As crianças já estão em lugar seguro e agora faltava nós’, completa a mãe” (Portal G1, 2024). Tal enfoque é retomado em matéria publicada em 15 de maio: “Enchente histórica no RS e as consequências da tragédia na vida das pessoas”, que conta histórias de pessoas resgatadas, famílias que precisaram ir viver em abrigos com crianças e todo o impacto que estão sofrendo depois da enchente.

As três matérias seguintes (Linhas 2, 3, 4 e 6) abordam resgates de crianças pequenas, sendo dois bebês menores de um ano. Os textos apresentam informações que vão dando dimensão da tragédia, mobilizando diversas fontes, principalmente cidadãos que foram atingidos pela enchente, como no caso da notícia publicada em 08 de maio — “‘Coloquei ela na mochila’, diz pai que salvou filha de 8 dias das enchentes no RS” —, que mostra relato do homem que resgatou a própria filha: “‘Abraçei a mochila com uma mão e a outra usava para me locomover. Foi o único jeito. Era muita água. Se ela caísse dentro

da água, não ia ter o que fazer. Foi o jeito que eu achei. Usar a mochila pra passar por cima do telhado', relatou Patrick".

São matérias que mobilizam emoção, o que se repete na notícia de 8 de maio que traz relatos dos voluntários que estavam trabalhando nos abrigos e outras frentes de resgate. Um dos casos em destaque envolve uma criança que a mãe escolheu que fosse prioridade no resgate.

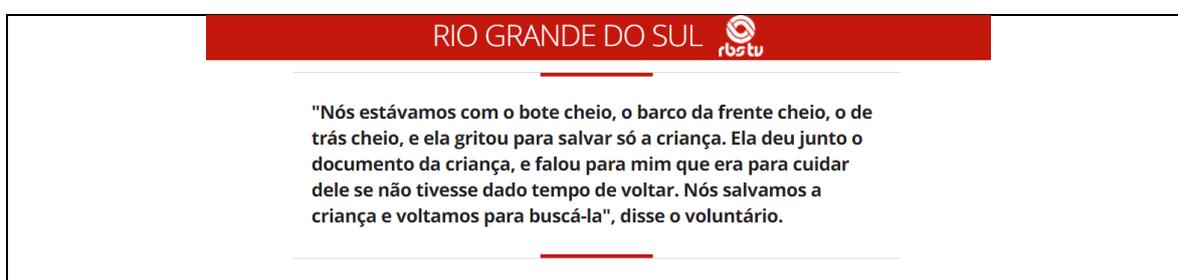


Figura 4: Linha 5 do quadro 2

Fonte: G1, 2024 (capturas de tela feitas pelos autores)

A matéria apresenta outras histórias que envolvem crianças atingidas pela catástrofe ambiental, como o trecho: "Dezenas de abrigos foram montados pela cidade para acolhê-las. Uma delas é Tatiane da Silva, que está em um desses locais com o filho de 1 ano. Não era o que ela queria para ele, mas foi o que os salvou" (Portal G1, 2024). Tal trecho é antecedido por um vídeo da mãe com o bebê. Na sequência, o texto conta a história do resgate de Manuela, 10 anos, que também precisou de ajuda para ser resgatada e traz a fala da mãe da criança que lamenta o trauma que a criança carrega depois da tragédia.

No dia 9 de maio foram publicadas três matérias com enfoque em como as crianças estão lidando com as consequências da enchente. Os textos abordam desde como as vítimas menores de 18 anos estão sendo acolhidas e cuidadas nos abrigos, a dicas de leitura que podem auxiliar as famílias a melhor abordar o tema com suas crianças. No dia 10 de maio foram publicadas duas matérias, a primeira sobre uma mulher que entrou em trabalho de parto em um dos abrigos e a outra sobre as medidas de segurança adotadas pelo governo do Estado para garantir que não ocorram casos de violência nos locais que estão abrigoando as pessoas atingidas pela enchente. É possível observar uma alteração na cobertura da enchente no que se refere às crianças e adolescentes, as matérias começam a pautar menos os resgates e abrem espaço para enfoques sobre como a

população local está se organizando a partir da tragédia, bem como na comoção do resto do país. As matérias publicadas no dia 11 de maio são a respeito de ações de crianças de outros estados: “‘Eu rezo todos os dias’, ‘tudo vai passar’: crianças de todo o país enviam cartas com mensagens de carinho para vítimas de tragédia no RS” e “Crianças de SC colocam cartinhas dentro de doações para vítimas das chuvas no RS: ‘Você não está sozinho’” falam sobre atos solidários que buscaram amenizar o sofrimento das crianças gaúchas. Outras cinco matérias (linhas 18, 19, 20, 21, 22) têm o mesmo enfoque: ações realizadas por crianças de outros estados brasileiros com o objetivo de ajudar as crianças que foram atingidas pelas enchentes no Rio Grande do Sul.

A única matéria que aborda o impacto da enchente na educação das crianças e adolescentes foi publicada em 15 de maio e relembra o drama vivido em enchente de 2023 no município de Muçum e que voltou a acontecer: “Mais uma vez, na lama: escolas em Muçum (RS), destruídas por chuvas em 2023, haviam sido reabertas pouco antes da nova inundação”. Notícias sobre o acesso às políticas públicas básicas não tiveram espaço no Portal ao longo do mês de maio.

Embora as matérias dessa tragédia também estejam ancoradas fortemente aos valores positivistas de factualidade, objetividade e neutralidade (primeiro *nó*), identificamos uma disposição em aprofundar informações que indiquem um pouco das histórias das famílias atingidas. Verificamos que são matérias que mobilizam mais fontes pessoais e que narram os dramas vividos na pele, assim, rompendo com o segundo *nó* e deixando as subjetividades desses personagens ganharem centralidade nas narrativas. Entendemos que tal movimento dá possibilidade aos leitores de compreenderem melhor as relações de poder que resultaram na tragédia, como o papel do Estado na proteção de sua população (terceiro *nó*). Além disso, procura aproximar o público da tragédia, gerando empatia e mobilizações de diferentes localidades brasileiras (quarto *nó*).

Considerações possíveis

As duas coberturas aqui analisadas denotam semelhanças e diferenças. Se, por um lado, ambas foram guiadas pelo preceito fundamental de busca pela verdade, por meio de constatações objetivas, por outro, destoam nos critérios de *seletividade* (interpretação dos valores-notícia), na *perspectividade* sobre as pessoas e seus lugares em que vivem. Por

consequência, a *construtividade* do material jornalístico reflete em representações da realidade de maneira distinta — em enfoques e intensidade.

Para romper com os *nós* (adversidades herdadas da colonialidade) aqui descritos, há que se desenvolver o fazer e o pensar jornalístico por uma elevação do nível de consciência. Ao discorrer sobre os níveis de consciência, Paulo Freire (1979) sublinha que a conscientização é uma operação complexa de seres conscientes que estão não apenas *no* mundo, mas *com* o mundo. Por essa operação, o ser humano pode transcender o que denominou como *consciência ingênua* para alcançar uma *consciência crítica*. Para tanto, há que se firmar um “compromisso como mundo, que deve ser humanizado para a humanização dos homens, responsabilidade com estes, com a história” (Freire, 1983, p. 18). Concordando com o patrono da educação brasileira, e como já expressamos anteriormente, é primordial colocar o ser humano como ponto de partida e de chegada na narrativa jornalística. Desta forma, o jornalista poderá em sua relação com o mundo, esvaziar-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir. Munido de uma racionalidade criativa e da emoção solidária, assumir a postura de curiosidade e descoberta, de humildade para sentir as dores do mundo, de empatia, de solidariedade. Assim, seu trabalho deverá respeitar as diferenças de qualquer natureza e se isentar de prejulgamentos, de preconceitos e estereótipos. Sua narrativa poderá adquirir um caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato será humanizador (Ijuim, 2012, 2017).

Nesta linha de raciocínio, compreendemos a necessidade de o jornalista avançar para o que chamamos de “consciência ética-epistemológica”. Esta consciência ética-epistemológica estipula o que visualizamos como pauta e como a lemos, assim como quais são as fontes, que perguntas fazemos a elas, quais conhecimentos produzimos em nossas notícias. Inerente a cada profissional, esta consciência precisa ser decolonizada de modo a nos fazer reconhecer, perceber e incorporar as múltiplas possibilidades de pensar e fazer jornalismo. Dessa maneira, podemos esperar em, ao humanizar o jornalista, humanizar o jornalismo.

Referências

- ABI. Associação Brasileira de Imprensa. **Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo**. 2024. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.abi.org.br/institucional/legislacao/principios-internacionais-da-etica-profissional-no-jornalismo/> . Acesso em: 22 ago. 2024.
- BOECKEL, C.; MONTEIRO, J. **Menina morta em São João de Meriti é o sexto caso de menor atingido por bala perdida em um ano no RJ**. Portal G1. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/01/26/menina-morta-em-sao-joao-de-meriti-e-o-sexto-caso-de-menor-atingido-por-bala-perdida-em-um-ano-no-rj.ghtml>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: promulgado em 13 de julho de 1990. Brasília. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 20 jun. 2024.
- Fenaj. Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Brasília. Disponível em: <https://bit.ly/3VT9tMq> . Acesso em: 22 ago. 2024.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 4ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FUNDAÇÃO ABRINQ. **Cenário da Infância e Adolescência no Brasil**. 2023. São Paulo. Disponível em: <https://fadc.org.br/sites/default/files/2023-05/Cenario-da-infancia-2023.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.
- HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. LAGO, C.; BENETTI, M. (Org.). **Metodologia da Pesquisa em Jornalismo**. 3a. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- IJUIM, J.K. Por que humanizar o jornalismo (?) **Revista Verso e Reverso**. 31 (78): pp. 235-243, setembro-dezembro 2017. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2017.31.78.07> . Acesso em: 22 ago. 2024.
- INSTITUTO FOGO CRUZADO. **Relatório Anual**. 2024. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://s3.us-east-2.amazonaws.com/br.com.fogocruzado/bc25c4ef-d0bf-405b-b77e-86f96d7620c9>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- LEONTIEV, A. **Actividade, conciencia e personalidad**. Habana: Pueblo e Educación, 1983.
- MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; Grosfoguel, R. (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- MEDINA, C. **A arte de tecer o presente**: Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.
- MEDINA, C. **Ciência e jornalismo**: Da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MEDINA, C. Narrativas da contemporaneidade, caos e diálogo social. In: Medina C.; Greco, M. (Orgs). **Caminhos do saber plural: Dez anos de trajetória**. São Paulo: ECA/USP, 1999.

PARK, R. A notícia como forma de conhecimento: Um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: Berger, C.; Marocco, B. (Orgs). **A era glacial do jornalismo: Teorias sociais da imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2008

PEREIRA, F.H. Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão. Lisboa: **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2004. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/texts/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2024.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Buenos Aires. setembro 2005. pp. 227-278. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf> . Acesso em: 26 jun. 2024.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SPONHOLZ, L. **Jornalismo, conhecimento e objetividade: Além do espelho e das construções**. Florianópolis: Insular, 2009.

UNICEF. **Crianças, Adolescentes e Mudanças Climáticas no Brasil**. 2022. Brasília. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/criancas-adolescentes-e-mudancas-climaticas-no-brasil-2022>. Acesso em: 22 ago. 2024.

Submissão: 15 de out. 2024

Aceite: 22 de dez. 2024.